

Proposições acerca das práticas corporais de aventura como conteúdo da Educação Física escolar

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo analisar as proposições acerca da implementação das práticas corporais de aventura (PCAs) como conteúdo da Educação Física escolar. Trata-se de um estudo de revisão sistemática que utilizou como critérios de inclusão artigos originais, publicados no período de 2017 a 2023, nas bases de dados do Portal de Periódicos CAPES. Os estudos analisados mostraram que um número ínfimo de cursos de Educação Física ofertados pelas instituições de cursos superiores no país não possui em suas matrizes curriculares disciplinas relacionadas com as PCAs. Ainda que haja o interesse por uma parcela de professores em trabalhar com as PCAs, os resultados indicaram a falta de incentivos por parte da direção das escolas onde atuam. Soma-se a isso, a ausência de espaços adequados, materiais e equipamentos necessários para a prática das PCAs, que concorrem no sentido de dificultar a implementação desse conteúdo nas aulas de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; Educação básica; Práticas corporais de aventura

Jairo Antônio da Paixão

Ph.D. em Ciências do Desporto
Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Educação Física,
Viçosa, MG, Brasil
jairopaixao@ufv.br

<https://orcid.org/0000-0003-1413-9081>

Rafael Miranda Coutinho

Licenciado em Educação Física
Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Educação Física,
Viçosa, MG, Brasil
rafael.m.coutinho@ufv.br

<https://orcid.org/0009-0007-3364-8443>

Propositions about adventure body practices as content of school Physical Education

ABSTRACT

This study aimed to analyze the propositions regarding the implementation of adventure body practices (ABPs) as content of school Physical Education. This is a systematic review study that used original articles as inclusion criteria, published between 2017 and 2023, in the CAPES Periodicals Portal databases. The studies analyzed showed that a tiny number of Physical Education courses offered by higher education institutions in the country do not have subjects related to ABPs in their curriculum. Even though there is interest among some teachers in working with ABPs, the results indicated a lack of incentives on the part of the management of the schools where they work. Added to this is the lack of adequate spaces, materials and equipment necessary for the practice of ABPs, which contribute to making it difficult to implement this content in Physical Education classes.

KEYWORDS: School physical education; Basic education; Adventure body practices

Proposiciones sobre las prácticas corporales de aventura como contenidos de la Educación Física escolar

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar las propuestas relativas a la implementación de prácticas corporales de aventura (PCAs) como contenidos de la Educación Física escolar. Se trata de un estudio de revisión sistemática que utilizó como criterios de inclusión artículos originales, publicados entre 2017 y 2023, en las bases de datos del Portal de Revistas Periódicas de la CAPES. Los estudios analizados mostraron que un número ínfimo de carreras de Educación Física ofrecidas por instituciones de educación superior en el país no cuentan con materias relacionadas con los PCAs en su currículo. Si bien existe interés entre algunos docentes en trabajar con PCAs, los resultados indicaron una falta de incentivos por parte de la dirección de las escuelas donde trabajan. A esto se suma la falta de espacios adecuados, materiales y equipos necesarios para la práctica de las PCAs, que contribuyen a dificultar la implementación de este contenido en las clases de Educación Física.

PALABRAS-CLAVE: Educación física escolar; Educación básica; Prácticas corporales de aventura

INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura (PCAs), configuram-se como formas sistematizadas que surgem a partir da década 1970 e consolidam-se mundialmente nos idos de 1990 (PAIXÃO, 2018; SOUZA; CAVALCANTE; SWINGEL, 2019). O surgimento ininterrupto de novas modalidades e o crescimento exponencial de adeptos de diferentes idades, classes sociais e profissões, revelam uma diversificação em termos de potencialidades, dentre as quais merecem destaque lazer, competição e educacional de caráter preservacional do meio ambiente, por tratar-se de uma vertente esportiva que envolve o risco, a aventura e as fortes emoções realizadas em diferentes ambientes naturais como o terrestre, o aéreo e o aquático (PAIXÃO, 2017).

Como parte integrante da Cultura Corporal de Movimento, as PCAs foram integradas ao currículo da Educação Física pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017. Assim, como unidade temática, busca privilegiar na ambiência escolar expressões corporais provocadas por circunstâncias de imprevisibilidade, vertigem e risco controlado quando o praticante interage em meio a natureza ou espaço urbano (BRASIL, 2017). Subjacente a esse debate, as PCAs são capazes de incorporar os quatro saberes propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura: aprender a conhecer (desenvolvimento intelectual), aprender a fazer (habilidades práticas), aprender a viver com os outros (socialização) e aprender a ser (desenvolvimento pessoal). Esses pilares são considerados fundamentais para uma educação completa e equilibrada na sociedade contemporânea (DELORS, 1998). Nesse contexto, reitera-se as finalidades da Educação Física como componente curricular no processo da formação básica, ao estimular uma vida saudável, o espírito esportivo, o trabalho em equipe, bem como a consciência crítica dos estudantes em diferentes temáticas como as PCAs se mostra no atual momento histórico (MONTIEL *et al.*, 2019).

Sob essa ótica é importante destacar que, como conteúdo da Educação Física, Pereira e Armbrust (2010), destacam possibilidades de se abordar as dimensões do conteúdo (COLL *et al.*, 2000) no trato com as PCAs, sendo que a dimensão conceitual inclui aspectos históricos, locais de prática, equipamentos, objetivos e motivações, bem como o entendimento dos riscos envolvidos nas diferentes modalidades. Já a dimensão procedimental contempla a execução das técnicas de movimento, técnicas de segurança e bem-estar, processos pedagógicos e adaptações necessárias para diferentes faixas etárias e condições da escola. Finalmente, a dimensão atitudinal destaca a importância das regras éticas, respeito às normas de segurança, relação com situações de risco e

valorização da cooperação entre os praticantes. Esta profundidade pode ser alcançada com a aplicação das PCAs nas aulas de Educação Física.

Cumprir destacar que, se por um lado é admirável a crescente envolvendo as PCAs como conteúdo da Educação Física na escola, por outro, é evidente a incipiência dessa temática nos cursos de formação inicial do licenciado em Educação Física nas instituições de ensino superior (IES) brasileiras. Em um estudo realizado por Côrrea e Delgado (2021), tendo em vista a totalidade dos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura e bacharelado) cadastrados no *site* do e-MEC do Ministério da Educação, se verificou que apenas 27,5% dos cursos continham em seus currículos disciplinas relacionadas às PCAs. Tal mudança de cenário poder-se-á ocorrer em função da reestruturação dos projetos pedagógicos e suas respectivas matrizes curriculares dos cursos de formação inicial do licenciado em Educação Física em atendimento a BNCC. No entanto, é preciso levar em consideração que a falta de vivências progressas nas modalidades de PCAs configura-se um fator que dificulta o trato do referido tema pelos professores tanto nas IES quanto nas escolas (PAIXÃO, 2017).

Tendo em vista esses movimentos que concorrem para a inserção das PCAs como conteúdo da Educação Física escolar, se faz pertinente analisar os aspectos relativos da sua presença nas realidades das escolas e nos fatores que implicarão positivamente ou não na adesão pelos professores atuantes na educação básica nessa área do conhecimento. Nesses termos, ao se considerarem os estudos publicados no formato de artigos científicos disponibilizados nas bases de dados, que abordam as PCAs como conteúdo da Educação Física escolar a presente pesquisa busca contribuir com as discussões relacionadas não somente à sua inserção e/ou implementação curricular na ambiência escolar, mas também como essas práticas corporais estão chegando aos professores de Educação Física e a sua adoção ou não pelos alunos no decurso da educação básica. Nessa perspectiva, o presente estudo teve como objetivo analisar por meio de revisão sistemática, as proposições acerca das PCAs como conteúdo da Educação Física escolar.

METODOLOGIA

Tendo em vista o fenômeno estudado, o estudo de revisão sistemática se mostrou o mais indicado para nortear a sua averiguação, em face dos procedimentos metodológicos adotados nessa investigação. Nesse sentido, a revisão sistemática configura-se uma metodologia meticulosa, precisa

e passível de reprodução. É considerada um estudo primário retrospectivo, ou seja, uma pesquisa empírica que trata os estudos como objetos de investigação (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Como critérios de inclusão, foram considerados somente artigos originais, que se encontravam disponíveis de forma gratuita na íntegra em português, publicados no período de 2017 a 2023 nas bases de dados do Portal de Periódicos CAPES. Foram utilizados os seguintes descritores: esportes de aventura, Educação Física, práticas corporais de aventura, esportes de aventura na escola.

Na primeira etapa de busca, foram encontrados um total de 120 artigos. No entanto, após a leitura dos títulos foram excluídos 72 deles, por serem artigos que se repetiam em diferentes bases de dados e/ou não tratavam do tema específico relacionado com a prática das PCAs na escola. Depois de avaliar os resumos e objetivos restaram 26 artigos que foram considerados para análise. Na sequência, foram realizadas leituras analíticas dos artigos, sendo considerados títulos, resumos, objetivos, métodos e conclusões, bem como a presença ou não de proposições dos respectivos autores desses artigos acerca das PCAs como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar. Ao final deste processo, chegou-se ao total de 12 artigos como amostra final. Todo o processo de sistematização se encontra no organograma apresentado na figura 01:

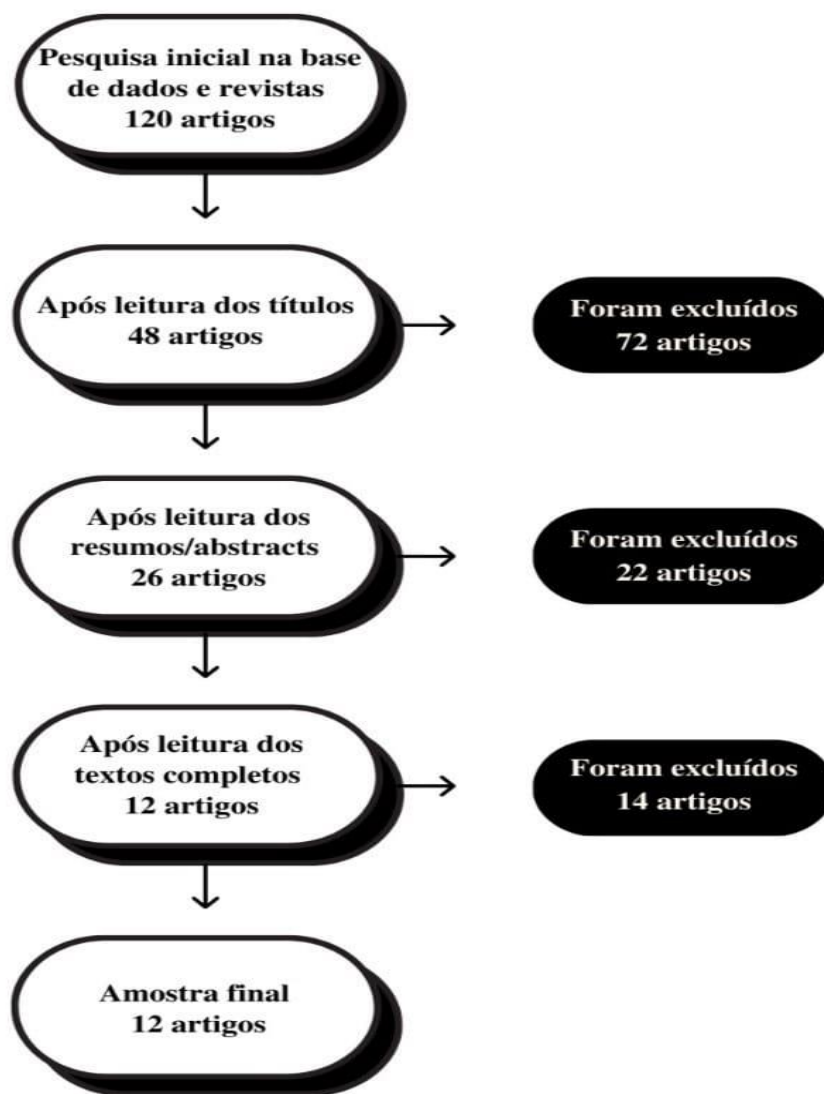


Figura 1: Organograma de sistematização das buscas no Portal de Periódicos CAPES

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nº	Referênci a	Objetivo	Resultado
1	(CÔRREA <i>et al.</i> , 2020)	Discutir a inserção das PCAs na Educação Física escolar em aproximação das experiências levadas a efeito na escola com o programa de pesquisa da Educação Física Reflexiva.	Enfatiza que os modelos teóricos em Educação Física não devem normatizar os significados do movimento, mas sim reabilitar as emoções vividas e os saberes de cada indivíduo. Os autores sugerem o Programa Reflexivo para a Educação Física pode ser um diferencial em relação a outros empreendimentos acadêmico-científicos, e que isso representa um desafio para a teoria da

			Educação Física na inserção de novos conteúdos, incluindo as PCAs.
2	(BUNGENSTAB <i>et al.</i> , 2017)	Apresentar uma proposta de unidade didática para o ensino das PCAs nas aulas de Educação Física no ensino médio.	Os autores elaboraram uma proposta de unidade didática que visa o ensino das PCAs, demonstrando a viabilidade de se aplicar tais práticas de forma sistemática, sem depender unicamente de materiais apropriados e sem se restringir a uma mera reprodução técnica. O autor destaca a importância do equilíbrio nas PCAs, tanto estático quanto dinâmico, e através dessa importância se dá o tema central das aulas. A proposta de unidade didática apresentada pelos autores compreende oito aulas, nas quais o tema do equilíbrio é abordado progressivamente, partindo de posturas e movimentos mais simples até chegar a ações específicas. O equilíbrio é trabalhado teoricamente nas primeiras aulas, seguido por atividades lúdicas para explorar o equilíbrio estático e dinâmico. Nas aulas subsequentes, são realizadas experiências de equilíbrio em superfícies fixas e flexíveis, como cordas, fios e fitas, culminando no trabalho específico com o <i>slackline</i> . Acredita-se que essa dinâmica é pedagogicamente suficiente para os jovens estudantes se apropriarem de experiências corporais a fim de conhecer os sentidos/significados do conteúdo proposto.
3	(ZANON; LIMA, 2017)	Aprofundar os estudos e atividades realizados pelo projeto de Extensão GEL (Grupo de Estudos em Lazer) com foco na articulação entre educação para o lazer e atividades de lazer e aventura.	A pesquisa concluiu que as PCAs devem ser consideradas um conteúdo viável no ensino fundamental e destaca que a vivência corporal dessas práticas também traz benefícios positivos para o equilíbrio, tônus muscular, agilidade e velocidade dos alunos, além de serem importantes no processo de educação para o lazer.
4	(FRANCO; TAHARA; DARIDO, 2018)	Analisar a presença das PCAs, dentro das Propostas Curriculares Estaduais de Educação Física do Brasil no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano)	A análise das referidas propostas curriculares mostrou que as PCAs são pouco utilizadas e sugeridas pelos documentos oficiais dos Estados brasileiros. Apenas seis propostas estaduais mencionaram as PCAs, mas apenas duas apresentaram um conteúdo mais organizado sobre elas. É necessário repensar o mecanismo de estruturação e planejamento das aulas de Educação Física e considerar a inclusão de conteúdos emergentes, como as PCAs, que devem ser contextualizadas dentro da Cultura Corporal de Movimento.
5	(BADARÓ <i>et al.</i> , 2020)	Expor modelos de ensino das PCAs no contexto das aulas de Educação Física	Os autores apresentam relatos sugestivos, fornecendo algumas indicações de como os educadores podem pensar as aulas em relação a temática PCAs, quais dificuldades podem surgir. Segundo o artigo, as PCAs podem ser implementadas como conteúdo da Educação Física escolar, sendo uma alternativa multidisciplinar e

			inovadora diante das atividades tradicionais vivenciadas no âmbito da Educação Física. Nesse sentido, os professores devem ser estimulados a mobilizar esse conteúdo nas aulas, uma vez que as PCAs apresentaram uma boa recepção por parte dos alunos e agregaram no contexto multidisciplinar.
6	(SILVA <i>et al.</i> , 2022)	Identificar o conhecimento dos alunos sobre as PCAs. A amostra foi composta por 62 alunos de uma escola de ensino médio em Cascavel. Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário semiestruturado no Google Docs.	Segundo os autores, as preferências dos alunos refletem suas prioridades e podem ser influenciadas pelas características da região, como a presença de praias, locais específicos para a prática de paraquedismo e pistas de <i>skate</i> . Essas práticas resultam dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida educacional e social dos alunos. No município de Cascavel-CE, existe uma política de uso do livro didático no componente curricular de Educação Física, o que contribui para a familiaridade dos alunos com diferentes práticas corporais, incluindo aquelas relacionadas às PCAs. Dos 62 alunos entrevistados, 28 (45,2%) disseram ter estudado sobre as Práticas Corporais e de Aventura no Ensino Fundamental. Dentre esses alunos, apenas 5 forneceram detalhes sobre quais PCAs estudaram, sendo o paraquedismo e o <i>skate</i> as mais mencionadas. Essas modalidades estão presentes no livro didático utilizado pelo município de Cascavel-CE e fazem parte do contexto social dos alunos, sendo uma cidade com maior predisposição para tais práticas.
7	(PAIXÃO, 2017)	Investigar possibilidades para o trato das diferentes modalidades que compõem as PCAs como conteúdo da Educação Física na escola	A ideia é ampliar o conceito de PCAs e possibilitar ao aluno reproduzir, transformar e partilhar diversas formas de manifestações corporais, fundamentando-se nas correlações entre as práticas corporais e o ambiente social. Acredita-se que a Educação Física pode oferecer uma aprendizagem mais significativa e efetiva aos alunos, por meio de um currículo escolar focado em relacionar as dimensões do conhecimento que atenda às necessidades da sociedade atual e se relacione com as PCAs.
8	(SOUZA; CAVALCANTE; SCHWINGEL, 2019)	Investigar a presença do conteúdo PCAs na Educação Física escolar, justificando sua importância, inserção e permanência neste contexto, buscando aproximações entre a utilização deste conhecimento e a formação acadêmica em Educação Física.	O estudo realizado identificou que professores de Educação Física que receberam formação específica em PCAs durante a graduação demonstraram a capacidade de aplicar esse conhecimento, sendo capazes de transmitir aos alunos os conceitos e habilidades necessárias para se engajar nesse tipo de atividade. No entanto, constatou-se também que há uma parcela significativa de professores que não utilizam esse conteúdo em suas aulas, principalmente devido a duas questões principais: falta de conhecimento específico e ausência de condições físicas e espaciais adequadas.

9	(TRIANI; NASCIMENTO, 2021)	Revisar e propor uma reflexão sobre a possibilidade de ensino das PCAs a partir de princípios metodológicos como norteadores da ação docente.	Os autores destacam quatro princípios fundamentais para orientar o processo de ensino das PCAs nas aulas de Educação Física. O primeiro princípio é o da inclusão, que defende que os conteúdos e estratégias selecionados devem permitir a participação de todos os alunos, promovendo igualdade de oportunidades. O segundo princípio é o da diversidade, que enfatiza a importância de oferecer uma ampla variedade de práticas corporais aos estudantes, para que eles tenham experiências diversas e aprendam sobre diferentes conteúdos esportivos. O terceiro princípio é o da complexidade, que considera a análise teórica da complexidade nos esportes, levando em conta fatores intrínsecos e extrínsecos, e busca proporcionar experiências de crescimento aos praticantes, tanto de forma individual como em equipe. O último princípio é o da adequação ao aluno, que leva em consideração as características individuais dos alunos, como cognitivas, sociais, motoras e afetivas, adaptando o ensino de acordo com suas necessidades. Esse princípio envolve introduzir atividades práticas que representem novas experiências ou variações mais complexas de movimentos que os alunos já dominam.
10	(NICÁCIO, 2020)	Percorrer processos histórico-sociais e produções acadêmicas que dão indícios do caminho para inserção das PCAs na Educação Física Escolar.	O autor cita alguns marcos históricos que se relacionam com a crescente das PCAs no mundo e com isso sua introdução no cenário educacional. Em 1995, o Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha publicou uma coletânea de trabalhos sobre a referida temática, que teve impacto no Brasil. Nesse mesmo ano, ocorreu a primeira edição dos X-Games, um evento importante para as PCAs, o que aumentou a exposição e significância social dessas práticas. Os X-Games marcaram uma mudança de paradigma ao atribuir uma conotação positiva às PCAs, afastando-se da marginalidade e do estigma negativo anteriormente associado a elas. Em 1998, com a publicação dos PCNs da Educação Física, houve avanços acadêmicos e sociais relacionados às PCA. Em 2002, o lançamento da linha NikeSB pela Nike contribuiu para desconstruir a imagem marginal das comunidades praticantes de atividades de aventura. No Brasil, dois marcos importantes na exposição social das PCAs foram a criação do canal OFF em 2011, dedicado exclusivamente às PCAs na natureza, e a realização de uma edição dos X-Games de verão em Foz do Iguaçu, Paraná, demonstrando o desejo de expandir o mercado e valorizar essas práticas no país. Em 2017, foi promulgada a BNCC, que inclui as PCAs como conteúdo da Educação Física, mas restrito à segunda metade do ensino fundamental.

11	(GONÇALVES <i>et al.</i> , 2020)	Analisar a produção científica em periódicos nacionais sobre as atividades e as PCAs no contexto escolar.	No decorrer do estudo são citadas algumas referências, dentre elas o estudo realizado por Lorenzetto e Coldebella (2004), onde foram analisadas amostras de professores atuantes tanto no ensino escolar (fundamental e médio) quanto no ensino universitário. Cerca de metade dos professores da amostra eram do ensino universitário. Os resultados revelaram que mais de 61% dos entrevistados não haviam cursado disciplinas relacionadas às PCAs durante sua formação. No entanto, mais de 84% dos professores consideraram essas práticas como necessárias no currículo da Educação Física. Além disso, mais de 76% dos professores relataram que durante as aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio, apresentavam aos alunos outras formas de trabalhar com o corpo, visando desenvolver maior consciência corporal, relaxamento e descontração.
12	(INÁCIO; SOUSA; MACHADO, 2020)	Diagnosticar se professores da região metropolitana de Goiânia trabalham ou não com o conteúdo das PCAs em suas aulas	A pesquisa inicial consistiu em questionar os professores sobre seu conhecimento e utilização das PCAs em suas aulas. Dos 59 professores que responderam ao questionário, 48 afirmaram que nunca trabalharam com as PCAs, enquanto 11 disseram que já as utilizaram. Em relação à formação dos professores que já trabalham com as PCAs, constatou-se que 8 deles tiveram contato com o conteúdo durante a graduação, o que sugere que o acesso a esse conteúdo possibilita ao professor inseri-lo em suas aulas. Um professor teve acesso às PCAs na pós-graduação. Quanto aos empecilhos e incentivos oferecidos pelo grupo gestor da escola para o trabalho com as PCAs, todos os participantes afirmaram não enfrentar empecilhos, porém, também ressaltaram a falta de incentivos. Os professores destacaram as restrições para o desenvolvimento de suas aulas dentro da escola, geralmente limitados a um pátio ou quadra e a disputa pelo espaço com outros professores O autor cita outra pesquisa, realizada por Delgado e Corrêa (2016), onde revelou que, dentre 1274 cursos de Educação Física no Brasil, 351 cursos incluíam alguma disciplina relacionada às PCAs.

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

No estudo 1 – Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na Educação Física escolar (CÔRREA *et al.*, 2020) os autores informam que o Programa Reflexivo, juntamente com a Escola de Aventuras, foi concebido como um projeto integrado de ensino, pesquisa e extensão no Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá. A partir de uma abordagem

interdisciplinar, o referido projeto buscou analisar a relação entre as PCAs e os hábitos de lazer entre crianças. Os autores destacam a realização de atividades em que a Matemática é empregada para resolver situações que envolvem questões relacionadas ao risco calculado durante a prática de determinadas PCAs. Em um estudo realizado por Paixão (2017), o autor afirma que para a inclusão de novos temas na escola, como as PCAs é necessário considerar não só a compatibilidade com os objetivos do projeto pedagógico, mas também a reflexão sobre o conceito de conteúdo. Isso inclui avaliar as dimensões que influenciam o processo de ensino aprendizagem, como a conceitual, procedimental e atitudinal (COLL *et al.*, 2000).

A interdisciplinaridade promovida pela Escola de Aventuras correlaciona as dimensões conceituais e procedimentais da Matemática com as dimensões conceituais e procedimentais do movimentar-se, expresso por meio das PCAs que, por sua vez, emergem na dimensão atitudinal e nas práxis das crianças. Ao serem aplicadas como temas geradores, as PCAs são vivenciadas por fruição, ou seja, a criança trabalha a aplicabilidade da matemática e, concomitantemente, novos movimentos e possibilidades de auto experimentação enquanto se aventura na escola. Em medida significativa, as crianças passam a resolver situações-problemas de risco calculado, por meio do pensamento lógico-matemático, como forma de potencializarem seus movimentos num ambiente lúdico e de aventura (CÔRREA *et al.*, 2020).

No estudo 2 - Educação física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais de aventura (BUNGENSTAB *et al.*, 2017) é destacado a relutância que se faz presente nas instituições de ensino pesquisadas, em abordar o conteúdo PCAs nas aulas de Educação Física. Como principais argumentos alegados pelos professores, ganharam relevo em seus depoimentos a falta de espaço. Infelizmente, muitas escolas públicas se limitam a um pátio ou a uma quadra que por vezes, são compartilhados com mais de um professor ao mesmo tempo. Os professores participantes desse estudo alegaram ainda restrições encontradas para trabalhar esse conteúdo nas aulas como equipamentos e segurança dos alunos. Os autores desse estudo, fazem menção a outros estudos que apresentam experiências voltadas a explorar formas alternativas de se trabalhar o conteúdo PCAs nas aulas de Educação Física. Nessas experiências são apresentadas propostas pedagógicas exitosas nas quais se faz possível ensinar as PCAs de forma sistematizada sem o uso exclusivo de equipamentos oficiais para a prática de determinadas modalidades de PCAs. Nessa perspectiva, Bungenstab *et al.* (2017) afirmam a viabilidade do emprego de materiais alternativos para o desenvolvimento de tais práticas nas aulas.

Nos resultados do estudo 3 - Atividades de aventura como tema gerador na escola: proposta pedagógica do grupo de estudos do lazer - GEL (ZANON; LIMA, 2017), foi realizado um levantamento sobre as expectativas dos pais e dos alunos acerca da aplicabilidade da PCAs nas aulas

de Educação Física. Tanto os pais quanto os alunos reconhecem claramente a importância dos valores desenvolvidos nas atividades relacionadas às PCAs como interação com os colegas de classe, oportunidade de vivenciar o lúdico, aumento da autoconfiança e até mesmo melhoria na habilidade motora e equilíbrio. Esses dados coadunam com um estudo desenvolvido por Hyndman (2016), no qual afirma que a inclusão das PCAs na Educação Física proporciona uma oportunidade única para envolver os alunos em atividades desafiadoras e estimulantes, que promovem o desenvolvimento de habilidades físicas, emocionais e sociais. Além disso, ao explorar a relação entre as práticas corporais e o meio ambiente, os alunos podem adquirir uma consciência ambiental mais profunda, estabelecendo uma conexão com a natureza e estimulando a cooperação entre os colegas.

O estudo 4 - Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de Educação Física: relações com a base nacional comum curricular (FRANCO; TAHARA; DARIDO, 2018) descreve uma investigação que utilizou o método de análise documental, que examinou 23 propostas curriculares estaduais de Educação Física em 22 estados brasileiros e no Distrito Federal. O objetivo do estudo foi traçar um panorama do conteúdo dessas propostas no ensino fundamental II em nível nacional. A pesquisa foi conduzida por meio dos sites das Secretarias Estaduais de Educação de cada estado e revelou que a disponibilidade de conteúdo relacionado às propostas curriculares de Educação Física é bastante limitada. Dos 23 estados analisados, apenas 6 possuíam informações disponíveis sobre essas propostas. Ademais, é destacado que em alguns estados importantes como São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal, não foram encontradas informações sobre as propostas. Essa falta de informações e diretrizes curriculares para a Educação Física é considerada preocupante, uma vez que limita o potencial das PCAs no ambiente escolar e dificulta a padronização e qualidade do ensino em todo o país. Segundo Souza, Cavalcante e Schwingel (2019), na lógica de mercado que envolve os cursos de graduação, os diferentes cursos são percebidos como produtos em uma relação de produção e consumo, em que os objetivos se centram na premissa de mais lucro com menor gasto possível. Na prática, isso significa que as abordagens curriculares são conteudistas, ou seja, trabalham na ótica do currículo mínimo, em que as disciplinas são ministradas minimamente, de maneira fragmentada e descontextualizada. Assim, as PCAs ainda são vistas como um conteúdo acessório para a Educação Física enquanto área do conhecimento, sendo dessa forma excluído das matrizes curriculares.

No artigo 5 - As atividades de aventura no campo educacional: alternativas metodológicas para as aulas de Educação Física (BADARÓ *et al.*, 2020), é destacado um projeto vinculado ao programa de pós-graduação desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Lazer (GEL) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Esse projeto tinha como objetivo proporcionar experiências de atividades motoras e práticas de aventura para crianças em idade escolar. O projeto apresenta três modelos de aulas baseados em observações de campo realizadas pelos grupos de estudos. De modo

geral, os três modelos evidenciavam algumas atividades do campo das PCAs que podem ser utilizados no âmbito da interdisciplinaridade. Foram destacados os esforços dos professores em criarem situações híbridas entre conhecimentos multidisciplinares e PCAs. Ainda que, nem sempre, as atividades funcionam como esperado, no entanto, ainda que evidenciadas algumas dificuldades, percebe-se que as PCAs não só podem como devem ser mobilizados como escopo de intervenção da Educação Física.

No primeiro modelo de exposição, o tema abordado foi "Noções de altura". Nas atividades, as crianças aprenderam sobre equipamentos de segurança e identificaram locais onde algumas modalidades poderiam ser realizadas. No segundo, o tema principal foi "Quantidade e sinal de igual e diferente". Os alunos foram desafiados a calcular a maior altura possível na escalada e responder perguntas utilizando sinais matemáticos. Na corrida de orientação, aprenderam coordenadas e meios de orientação espacial. No *slackline*, fizeram comparações numéricas entre fichas recebidas. No terceiro e último modelo de exposição, o tema abordado foi o conceito de unidade, dezena e meia-dezena. Na escalada, os alunos precisavam identificar se a quantidade de frutas no topo correspondia a uma unidade, dezena ou meia-dezena. Sobre isso, Paixão (2017) destaca a relevância de estabelecer uma conexão entre a PCAs e outras disciplinas presentes no currículo escolar. Isso se deve principalmente à ampla variedade de modalidades disponíveis, que podem ser exploradas e adaptadas dentro do contexto multidisciplinar.

No estudo 6 - Práticas corporais de aventura: o que anunciam os/as alunos/as do ensino médio? (SILVA *et al.*, 2022), os autores destacam que as preferências dos alunos em relação às atividades físicas refletem suas prioridades e podem ser influenciadas pelas características da região em que vivem. Por exemplo, a presença de praias, locais para a prática de paraquedismo e pistas de *skate* pode influenciar as preferências dos estudantes e consequentemente servir como facilitador para a introdução dessa temática nas escolas. No contexto específico do município de Cascavel-CE, dos alunos entrevistados, uma parte significativa afirmou ter estudado sobre as PCAs durante o Ensino Fundamental. Dentre esses alunos o paraquedismo e o *skate* foram as mais recorrentes. Essas duas modalidades estão presentes no livro didático utilizado em Cascavel-CE e são parte do contexto social dos alunos, uma vez que a cidade apresenta maior predisposição para a prática dessas atividades. Nesse sentido, Xavier, Felipe e Arana (2018) analisaram como o ambiente social e cultural influenciam o interesse por determinadas práticas esportivas. Verificaram que o ambiente em que as pessoas vivem, incluindo sua cultura e sociedade, pode afetar suas preferências e motivações esportivas. Além disso, o engajamento em uma prática esportiva pode criar uma sensação de pertencimento, o que pode motivar mais pessoas a participarem e se envolverem nessa modalidade esportiva.

No estudo 7 – Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física escolar (PAIXÃO, 2017), nos leva a refletir sobre a profundidade que as aulas devem alcançar no trato das PCAs. Toda e qualquer proposta que envolva a inserção de novas temáticas no âmbito da escola, como é o caso das PCAs, suscita para além de uma consonância com os princípios almejados no projeto político pedagógico da escola, passa indubitavelmente pela necessidade de serem precedidas de reflexões a partir do conceito de conteúdo. Nessa perspectiva, o entendimento de conteúdo leva de forma irremediável à consideração das dimensões que permeiam o processo ensino aprendizagem de um dado conteúdo como a dimensão conceitual, atitudinal e procedimental (COLL *et al.*, 2000; DARIDO; RANGEL, 2005). Como conteúdo da Educação Física escolar, o esporte de aventura leva às referidas dimensões. A dimensão conceitual envolve fatos, objetos ou símbolos com características comuns, que permitem a interpretação e compreensão de fenômenos ou situações. A dimensão atitudinal é focada na análise comportamental e na formação cidadã dos alunos, promovendo o desenvolvimento de valores, compreensão das normas de comportamento e condutas em diferentes situações. A dimensão procedimental na Educação Física consiste em um conjunto de ações e decisões organizadas que permitem ao aluno desenvolver sua capacidade de agir de forma eficaz, relacionando-se com as vivências desenvolvidas pelos alunos durante as aulas, desde as mais simples até aquelas que requerem equipamentos e conhecimentos profissionais. É importante ressaltar que as diferentes dimensões do conteúdo podem ser trabalhadas de forma inter-relacionada, mas o professor deve considerar o nível de aprendizado do aluno e dar ênfase a uma dimensão específica, de acordo com as necessidades individuais (PAIXÃO, 2017).

No estudo 8 – Esportes de aventura na Educação Física escolar: realidade, necessidades e possibilidades (SOUZA; CAVALCANTE; SCHWINGEL, 2019) apresentam um estudo realizado na cidade de Barra do Garças, MT, onde foram investigados 13 (7 mulheres e 6 homens) professores de Educação Física, totalizando 13 escolas de ensino fundamental. Os dados indicaram que apenas 38,5% dos docentes participantes trabalham as PCAs. Dos professores que abordam o conteúdo PCAs em suas aulas, todos são provenientes de instituições públicas e tiveram experiências com as PCAs durante o curso de formação inicial. Esses dados revelam que a vivência com as PCAs durante a graduação pode motivar os futuros professores a trabalharem com esse conteúdo na educação básica. Sobre esse tema, Souza, Cavalcante e Swingel (2019) afirma que a formação inicial em Educação Física é generalista e acaba contemplando diversas áreas do conhecimento. Com isso, nem todos os conteúdos vivenciados durante a graduação serão utilizados na prática pedagógica, sendo frequentemente desprezados pelos professores ao longo de sua trajetória profissional.

No estudo 9 – Princípios metodológicos para o ensino dos esportes de aventura: uma proposta pedagógica (TRIANI; NASCIMENTO, 2021), os autores apresentam uma revisão bibliográfica onde

um estudo desenvolvido por citam Betti e Silva (2018) no qual destacam quatro princípios que o professor precisa adotar para orientar o processo de ensino. O princípio da Inclusão destaca a importância de selecionar conteúdos e estratégias que permitam a participação de todos os praticantes. Isso implica em um esforço por parte dos educadores para garantir que todas as atividades sejam realizadas de forma igualitária. O princípio da Diversidade tem como objetivo proporcionar diversas experiências corporais e oportunidades de aprendizado em relação aos conteúdos desses esportes, o que envolve considerar as dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos praticantes. No entanto, a diversidade não deve se limitar apenas a experimentações ambientais (água, ar ou terra), mas ser planejada de acordo com intencionalidades pedagógicas, buscando a diversificação dos conteúdos de aprendizagem. O princípio da Complexidade, que se refere à análise teórica da complexidade dos fatores intrínsecos e extrínsecos relacionados a esportes. O objetivo desse princípio é proporcionar aos praticantes experiências que possam promover o seu crescimento em termos recreativos, educacionais ou esportivos, ao mesmo tempo em que minimizam as complexidades envolvidas nesses esportes. E por fim, o princípio da Adequação ao aluno no ensino das PCAs se refere à adaptação das modalidades esportivas às habilidades e conhecimentos do aluno. Isso implica em introduzir atividades práticas que sejam novas experiências para o aluno ou variações mais complexas de movimentos que ele já domina em determinada modalidade esportiva. Em resumo, esse princípio busca adequar as atividades ao nível de habilidade e progresso do aluno. Os autores defendem a premissa da existência de tempo para assimilação pedagógica do conhecimento pelo aluno. No contexto das PCAs, o aprendizado poderá ocorrer quando os conteúdos são organizados, sistematizados e divididos dentro de tempo pedagogicamente fundamental para a sua compreensão. Com isso, os autores chamam atenção de que um mesmo tema pode ser tratado em todos os níveis de prática numa ascensão espiralada.

No estudo 10 – Travessia da aventura: da ausência na escola à inclusão em documentos orientadores (NICÁCIO, 2020), o autor evidencia que a presença conceitual das PCAs nas escolas foi resultado de um processo contínuo de produção e reflexão, influenciado pela inovação de professores da educação básica. Se por um lado, a inclusão das PCAs na BNCC pode ser vista como um avanço para a presença desse conteúdo nas aulas de Educação Física, por outro, ela pode instituir conflitos para professores que não tiveram experiências formativas relacionadas a essas práticas. É importante ressaltar que a inclusão das PCAs na BNCC não representa um ineditismo em termos de sua inserção ou escolarização, haja vista que elas já se faziam presentes nas escolas antes disso. A reflexão sobre a promulgação da BNCC busca estabelecer um marco oficial e não o entendimento de ser a inclusão das PCAs ser uma situação que deva ser atribuída unicamente ao que prevê a BNCC para o currículo da Educação Física na escola. Buscando ampliar esse debate, os PCNs como eixo

norteador da prática docente na escola, já apontava para a necessidade da ampliação e enriquecimento dos conteúdos da Educação Física escolar através das vivências das diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento, considerando as dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos (BRASIL, 2017). Assim, torna-se possível entender o surgimento das PCAs, como outras práticas corporais de movimento que venham a surgir como implicações de um processo.

No estudo 11 – Atividades de aventura na Educação Física escolar: uma análise nos periódicos nacionais (GONÇALVES *et al.*, 2020), os autores discutem a importância do aprendizado prévio para um ensino de qualidade e destacam a relevância de incluir as PCAs no currículo dos cursos de graduação em Educação Física nas IES. Os autores fazem alusão à um estudo realizado por Coldebella, Lorenzetto e Coldebella (2004), no qual foram entrevistados professores atuantes no ensino fundamental, médio e superior, revelando que mais de 61% dos participantes não tiveram nenhuma relação com as PCAs no seu processo de formação profissional. Para além disso, mais de 84% desses professores acreditavam ser necessário incluir a disciplina de PCAs no currículo da Educação Física. Sobre esse assunto, Souza, Cavalcante e Swingel, (2019) argumenta que os conteúdos ofertados durante a formação inicial podem influenciar na valorização e na aplicação futura desses conhecimentos pelos profissionais que se formam na área. Uma pesquisa realizada por Delgado e Corrêa (2016) revelou que apenas 351 dos 1.274 cursos de Educação Física no Brasil incluíam alguma disciplina relacionada às PCAs em seus currículos. Esse dado ressalta a necessidade de uma maior valorização e inclusão dessas práticas nos programas de formação de professores.

Diante desse contexto, visando estabelecer coerência com a BNCC, os autores Gonçalves *et al.* (2020) propõem a inclusão de disciplinas relacionadas com as PCAs no processo de formação dos futuros professores. Assim, espera-se que o aumento do conhecimento em PCAs resulte em uma abordagem pedagógica mais sólida e eficaz, beneficiando tanto os professores quanto os alunos envolvidos no processo de aprendizagem.

No artigo 12 - A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório (INÁCIO; SOUSA; MACHADO, 2020), os autores apresentam uma pesquisa que envolveu a participação de 59 professores e revelou que apenas 11 deles haviam trabalhado o conteúdo PCAs em suas aulas. Entre esses professores que já haviam trabalhado com as PCAs, 8 tiveram contato com o referido conteúdo durante a formação inicial em Educação Física. Esse dado sugere que a formação inicial pode desempenhar um papel importante na habilitação dos professores no trato desse conteúdo nas aulas. No entanto, mesmo com o interesse demonstrado por alguns professores em trabalhar as PCAs, os resultados também indicaram a falta de incentivos por parte da direção das escolas onde atuam. Essa situação ocasiona a desmotivação dos docentes a explorarem práticas diferenciadas e limitando a diversificação das experiências

corporais dos estudantes. Apesar das diretrizes educacionais presentes em documentos oficiais proporem a formação de um novo cidadão, há um hiato entre essas propostas e a realidade da prática pedagógica. Souza, Cavalcante e Swingel (2019) complementam essa discussão ao afirmarem que a falta de recursos e investimentos adequados por parte do sistema educacional muitas vezes limita as ações dos professores de Educação Física. Soma-se a isso, a ausência de espaços adequados, materiais e equipamentos necessários para a prática das PCAs que concorrem no sentido de dificultar a implementação desse conteúdo nas aulas de Educação Física escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo analisar as proposições da implementação das PCAs como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar, a revisão sistemática revelou a inexistência de uma vasta literatura que aborda o referido tema. No tocante à ordenação legal apresentado pela BNCC e, por conseguinte, (re)organização do currículo e formas de planejamentos das aulas de Educação Física, verificou-se divergências de opiniões entre os professores que se encontram atuantes na educação básica. Enquanto alguns acreditam no potencial da BNCC de expandir o entendimento da Educação Física enquanto componente curricular presente na educação básica, e com isso ampliar o repertório das práticas corporais de movimento a serem desenvolvidas, outros demonstraram uma visão pessimista, na qual não vislumbram mudanças dada a hegemonia na perspectiva biologicista que ainda se faz presente tanto no âmbito acadêmico, quanto no imaginário dos professores de Educação Física. Em face de a constituição da BNCC ter sido realizada com escassa participação dos docentes que se encontram atuantes na educação básica, o que aumenta o desconhecimento e resistência por parte dos mesmos. Nesse sentido, estudos nesse campo destacam a importância da construção coletiva dos projetos pedagógicos e da formação continuada para uma inovação e qualificação profissional.

No que se refere à formação profissional no sentido de compreender as competências para ensinar as PCAs em escolas e outros campos de atuação, os estudos analisados evidenciaram um número ínfimo de cursos de Educação Física, ofertados pelas IES no país, que possuem em projetos pedagógicos, de forma mais específica nas suas matrizes curriculares disciplinas que estabelecem algum tipo de relação com as PCAs. E como bem argumentado pelos autores dos estudos considerados na presente investigação, os conteúdos ofertados nas matrizes curriculares dos cursos de formação inicial de professor exercem influência direta na valorização adoção pelos futuros professores em suas práticas pedagógicas. A importância desse tema se deve ao fato de que os professores que atuam na educação básica não são meros reprodutores de práticas corporais realizadas

fora da escola. Sobretudo, são profissionais que, a partir de suas formações e experiências deverão ser capazes de criar ambientes pedagógicos no trato dos conteúdos da Educação Física. Nesse sentido, como destaca Caparroz (2007), os cursos de formação (inicial e continuada) devem oportunizar o futuro professor a capacidade de refletir, debater, analisar e vivenciar as diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento, para ele compreenda, de forma crítica, as possibilidades de analisar as diferentes práticas corporais que estuda e, futuramente, aborda-las junto aos alunos que, por acaso, se encontram nos diferentes níveis que compõem a educação básica.

O levantamento da literatura mostrou que, ainda que haja o interesse, por uma parcela de professores, em trabalhar com as PCAs comumente, a falta de incentivos pela direção das escolas onde atuam, a ausência de espaços adequados, materiais e equipamentos necessários para a prática das PCAs, bem como a resistência e o desconhecimento de currículos oficiais, como os PCNs e a BNCC avolumam-se como elementos que concorrem no sentido de dificultar a implementação desse conteúdo nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, nunca é demais ressaltar que a Educação Física tem a finalidade de formar pessoas com senso crítico para atuar com autonomia em relação às variadas manifestações da Cultura Corporal de Movimento e prover os alunos das possibilidades mediante às diferentes práticas corporais ensinadas na escola, incluindo-se nesse rol as PCAs. No caso implementação do conteúdo das PCAs nas aulas de Educação Física, o professor se vê dependente de uma da formação (inicial e continuada) que lhe forneça as bases para que ele seja capaz de aprender a lidar com os riscos, a trabalhar com as incertezas, a elaborar estratégias de ensino para abordar o conteúdo em questão nas aulas (SILVA, *et al.*, 2016).

Ainda nessa direção, é fundamental que os professores de Educação Física se aprofundem no conhecimento da BNCC e participem de discussões que possam levar à construção de novas propostas para a Educação Física vinculados aos respectivos projetos pedagógicos das escolas.

Por fim, é imprescindível a realização de novos estudos que busquem averiguar as formas como o conteúdo PCAs tem sido implementado nas escolas, levando em consideração as condições, possibilidades e interesses dos professores de Educação Física atuantes na educação básica. Tais estudos devem ainda destacar os desafios enfrentados pelos professores que não tiveram contato com as PCAs em sua formação inicial e trajetória de vida, bem como os exercícios de reformulação dos currículos de graduação para formação de novos professores, com vistas à inclusão das PCAs.

REFERÊNCIAS

- BETTI, Mauro; SILVA, Pierre Normando Gomes. **Corporeidade, jogo, linguagem**: a Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho *et al.* Educação física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais de aventura. **Corpoconsciência**, v. 21, n. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5524> Acesso em: 09 de set. 2023.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**: a Educação Física como componente curricular. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- COLDEBELLA, Auria de Oliveira Carneiro; LORENZETTO, Luiz Alberto; COLDEBELLA, Arlei. Práticas Corporais alternativas: formação em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.10, n.2, p.111-122, mai./ago. 2004. disponível em: http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/10n2/13CAC_home.pdf Acesso em: 16 de set. 2023.
- COLL, Cesar *et al.* **Os conteúdos na reforma**: ensino aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CORRÊA, Evandro Antônio; DELGADO, Mônica. Atividades de aventura nos currículos de formação inicial em Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.8, n.2, p.114-135, mai./ago.,2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/29059/28076> Acesso em: 16 de ago. 2023.
- CORRÊA, Liciane Vanessa de Oliveira Mello *et al.* Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na Educação Física escolar. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2893> Acesso em: 18 de set. 2023.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DELORS, Jaques *et al.* **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf Acesso em: 16 de ago. 2023.
- FRANCO, Laercio Claro Pereira; TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura nas propostas curriculares estaduais de Educação Física: relações com a base nacional comum curricular. **Corpoconsciência**, v. 22, n.1, 2018, p.66–76. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/6022> Acesso em: 23 de ago. 2023.
- GONÇALVES, Jayson *et al.* Atividades de aventura na Educação Física escolar: uma análise nos periódicos nacionais. **Revista Pensar a Prática**, v.23, n.56, 2020. Disponível em: DOI: [10.5216/rpp.v23.55858](https://doi.org/10.5216/rpp.v23.55858) Acesso em: 16 de dez.2022.
- HYNDMAN, Brendon. Qualitative Investigation of Australian Youth Perceptions to Enhance School Physical Activity: The Environmental Perceptions Investigation of Children's Physical Activity (EPIC-PA) **Journal of Physical Activity and Health**, Londrina, v. 13, n. 5, p. 543-550, 2016. Disponível em: DOI: [10.1123/jpah.2015-0165](https://doi.org/10.1123/jpah.2015-0165) Acesso em: 10 de jun. de 2023.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUSA, Caroline Castro; MACHADO, Lídia Ferreira. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório. **Motrivivência**, Florianópolis. 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76350> Acesso em: 10 set. 2023.

MONTIEL, Fabiana Celente *et al.* Ética, autonomia e pensamento crítico nas aulas de Educação Física no ensino médio. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 1-21, 2019. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e56991>. Acesso em: 10 mai. 2022.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. Travessia da aventura: da ausência na escola à inclusão em documentos orientadores. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, Florianópolis. 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e74232> Acesso em: 25 de jun. de 2022.

PAIXÃO, Jairo Antônio. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física escolar. **Motrivivência** v. 29, n. 50, Florianópolis, 2017. Disponível em: DOI <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170> Acesso em: 25 de jun. de 2022.

PAIXÃO, Jairo Antônio. **O esporte de aventura no currículo da Educação Física escolar**: possibilidades de intervenção. Viçosa, Editora UFV, 2018.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

SAMPAIO, Renato; MANCINI, Marisa. Estudos de Revisão Sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 11, n. 1, 2007, São Carlos. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013> Acesso em 23 set. de 2023.

SILVA, Ana Marcia *et al.* **Corpo e experiência**: para pensar as práticas corporais. In: FALCAO, Jose Luiz Siqueira; SARAIVA, Maria do Carmo. Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in) tensas experiências. Florianópolis, SC: Copiart, 2009.

SILVA, Antonio Jansen Fernandes *et al.* Práticas corporais de aventura: o que anunciam os/as alunos/as do ensino médio. **Edución Física y Ciencia**, v. 24, n. 4, 2022. Disponível em: DOI <http://dx.doi.org/https://doi.org/10.24215/23142561e241>. Acesso em: 13 de mai. 2023.

SILVA, Bruno Allan Teixeira *et al.* Atividades de aventura na licenciatura em Educação Física: um relato de experiência. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 69-80, mar. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Jairo/Downloads/2207-10846-1-PB-1.pdf> Acesso em: 15 de set. 2023.

SOUZA, Mauro José; CAVALCANTE, Joás Dias de Araújo; SCHWINGEL, Jorge Carlos. Esportes de aventura na Educação Física escolar: realidade, necessidades e possibilidades. **Revista Panorâmica** v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/857> Acesso em: 09 de set. 2023.

TRIANI, Felipe da Silva.; NASCIMENTO, Luiz Claudio. Princípios metodológicos para o ensino dos esportes de aventura: uma proposta pedagógica. **Conexões**, Campinas: SP, v. 19, n. 21, 2021. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v19i1.8660657> Acesso em: 09 de set. 2023.

XAVIER, Berguerand Fernada; FELIPE, Juliana; ARANA, Alba Regina Azevedo. O parque verde urbano: características do uso através de observação sistemática. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/JSrMR48M36WdY8jbt8ykMdj/?format=pdf> Acesso em: 09 de set. 2023.

ZANON, Alisson Carlos; LIMA, Cinthia Maria da Costa. Atividades de aventura como tema gerador na escola: proposta pedagógica do grupo de estudos do lazer – GEL. 2017. **Anais ... 35º SEURS** Disponível em: <http://dspace.unila.edu.br/123456789/3782> Acesso em: 09 de set. 2023.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike \(CC BY-NC SA\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Luciana Fiamoncini

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 20.09.2023

Aprovado em: 04.12.2023

